

# ASPECTOS DO SISTEMA SIMBÓLICO PENTECOSTAL

Fernando Albano<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar aos leitores, alguns aspectos fundamentais do sistema simbólico (doutrinário) do pentecostalismo brasileiro. A fim de atingir essa finalidade, atenção especial é dada a cinco aspectos ou elementos constitutivos do universo simbólico pentecostal, como, por exemplo, a eclesiologia fundamentada no pentecostes, escatologia pré-milenarista, visão mítica da criação, antropologia fundamentalmente dualista e individualização pentecostal.

Palavras chave: sistema simbólico; pentecostalismo; igreja; mundo; Espírito Santo.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende fazer uma breve análise dos principais aspectos

---

<sup>1</sup> Fernando Albano é Presbítero da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Joinville/SC. Graduado em Ciência da Religião: Licenciatura Plena em Ensino Religioso - UNIVILLE - Joinville, SC. Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) - São Leopoldo, RS. Professor de Teologia e Ensino Religioso no Centro Evangélico de Educação e Cultura - CEEDUC - Joinville/SC e Professor de Ensino Religioso na Escola Municipal Paul Harris em Joinville/SC.

do sistema simbólico<sup>2</sup> pentecostal.<sup>3</sup> Não pretende apresentar uma abordagem original, mas apenas alguns tópicos do universo pentecostal, a fim de introduzir o(a) leitor(a) numa maior compreensão desse movimento do Espírito, que tem afetado a vida de milhões de pessoas, assim como intrigado os estudiosos que procuram apreendê-lo.

## 2 ECLESIOLOGIA FUNDAMENTADA NO PENTECOSTES

Como ser igreja? Essa foi a urgente questão que os crentes pentecostais enfrentaram depois dos diversos reavivamentos e despertamentos espirituais que resultaram no movimento. Logo entenderam que a festa religiosa de Pentecostes se constitui no modelo paradigmático da Igreja cristã. Portanto, trata-se de uma doutrina central e que dá rosto ao pentecostalismo como fenômeno religioso.

O pentecostalismo tem como marco fundante o texto bíblico de Atos 2. Ali se observa os cristãos serem visitados pelo poder do Espírito Santo conforme prometido por Cristo. Este poder os habilitou ao ousado testemunho. Houve na ocasião teofanias, manifestações espetaculares, como “línguas repartidas como que de fogo”, o Espírito soprou sobre eles. Uma ventania do Espírito que trouxe vida e entusiasmo. A universalidade da mensagem cristã foi ali indicada pelas diversas línguas que foram faladas. Deus é o salvador de todos os homens e não apenas dos judeus. So-

---

<sup>2</sup> *Simbólico, símbolo.* Conforme Croatto, o símbolo é a linguagem básica da experiência religiosa. Funda todas as outras. É a linguagem do profundo, da intuição, do enigma. Por isso é a linguagem dos sonhos, da poesia, do amor, da experiência religiosa. Trata-se de linguagem que pretende expressar a relação com o Transcendente. CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa:** uma introdução à fenomenologia da religião. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção religião e cultura), p. 118.

<sup>3</sup> Os cinco principais aspectos do sistema simbólico pentecostal aqui mencionado são oriundos da logia de CAMPOS, Bernardo. **Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja.** São Leopoldo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002. p. 57-58. Acrescente-se ainda, que a religiosidade pentecostal brasileira está embasada num sistema simbólico rígido e que sofreu poucas mudanças ao longo da sua história.

mente depois de terem recebido o Espírito Santo é que os apóstolos começam a pregação do Evangelho e operam numerosos “prodígios e sinais” (At 2.43). O pentecostalismo fundamenta sua doutrina neste relato bíblico, e procura ser igreja que vivencia cada um de seus aspectos. Acredita, portanto, na atualidade da experiência de Pentecostes.<sup>4</sup> Passos afirma:

Trata-se de um paradigma, ou seja, de modelo de cristianismo que gerou e gera grupos autônomos (igrejas pentecostais), assim como movimentos carismáticos dentro das igrejas cristãs históricas (como as igrejas católicas, metodista e presbiteriana).<sup>5</sup>

O pentecostalismo desconsidera o caráter simbólico das línguas e prefere compreendê-lo como sinal, ou evidência física do que chamam “batismo no Espírito Santo”. Este é considerado uma capacitação de poder para os cristãos testemunharem a sua fé.

Numa abordagem mais sociológica da *ekklesia* pentecostal, é consenso entre os estudiosos que os membros da comunidade pentecostal são formados na sua maioria de pessoas de rendimento modesto. Nas origens do movimento pentecostal se atendeu especialmente a massa marginalizada e excluída da sociedade, cumprindo desse modo, com um importante papel de elevação da estima das pessoas.<sup>6</sup>

Nos últimos tempos os jovens também veem ganhando espaço no pentecostalismo, principalmente por meio do afrouxamento dos “usos e costumes” de muitas igrejas. Não é nenhum segredo que o excesso de rigor de algumas igrejas pentecostais afastou inúmeros jovens de sua membresia.

---

<sup>4</sup> Cf. GILBERTO, Antonio (Ed.). **Teologia sistemática pentecostal**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 179-186.

<sup>5</sup> PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso), p. 15.

<sup>6</sup> Cf. MARIZ, Cecília Loreto. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. **Na força do espírito - os pentecostais na América Latina: uma desafio às igrejas históricas**. São Paulo: Associação Literária pendão real, 1996. p. 175. CESAR, Waldo; SCHAULL Richard. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs**. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1999. p. 11.

Também se observa que, a liturgia das igrejas pentecostais é marcada por certa informalidade. Caracterizam-se pela adoração viva e entusiástica, com liberdade para expressões de louvor espontâneas. Assim, o povo torna-se sujeito do culto a Deus.

Conforme constatado o pentecostalismo pretende atualizar a experiência da festa de Pentecostes. Os crentes são ensinados que devem buscar continuamente encher-se com o Espírito Santo, falar em línguas e pregar o Evangelho. Pretendem atingir a todos com sua experiência espiritual dinâmica: mulheres, jovens, velhos, pobres e ricos.

Isto posto, em alguns aspectos as verdades pentecostais foram acolhidas pelas igrejas pentecostais. Contudo, se constitui erro pensar que o movimento pentecostal foi a concretização plena do modelo neotestamentário, como às vezes se diz. Na verdade não poderiam porque cada movimento cristão, apesar de pretender ser uma reprodução exata da chamada “igreja primitiva”, jamais poderá sê-lo uma vez que as condições históricas que marcavam aquela época já não existem, assim, os desafios são outros, assim como as perguntas e dilemas da humanidade. Certamente que, algumas questões existenciais parecem ser comum a todas as épocas, porém, não podemos negar as peculiaridades de cada período histórico. Também devemos reconhecer que cada fenômeno religioso (e o pentecostalismo não foge a regra) pretende apresentar respostas às angústias humanas.

Aqui se encontra um dos maiores desafios para a eclesiologia pentecostal, pois por conta de seu caráter hermético e conservador, o mesmo pode estar apresentando respostas a perguntas que não estão sendo feitas. Neste sentido, seu “filho pródigo”, isto é, o neopentecostalismo tem sido um especialista. Sem dúvidas, de modo criativo tem se adaptado bem aos dilemas do ser humano de nosso tempo, profundamente capitalista e preocupado cada vez mais com questões econômicas. Mas ao proceder dessa forma, tem se distanciado dos princípios evangélicos e bíblicos, e, assim, tem sido criticado por outras igrejas cristãs.

Mas, voltando às bases da eclesiologia pentecostal, pode-se dizer que as comunidades cristãs históricas têm aprendido com o modelo pentecostal que a Igreja é um organismo vivo e poderoso no mundo. O poder espiritual manifesto no pentecostalismo produziu uma verdadeira revolução espiritual em todo o mundo. O cristianismo em seus diversos ramos denominacionais foi direta ou indiretamente atingido pelo movimento. De modo que, até mesmo igrejas reconhecidamente históricas e tradicionais se abriram à experiência pentecostal. Surgiram movimentos de renovação, carismáticos, avivados, entre outros.

Ainda mais, poucas igrejas têm investido mais na evangelização e missões como tem sido feita pelas igrejas pentecostais. A igreja recebe poder para o testemunho. Esse discurso é presente no pentecostalismo e, certamente, associado às condições históricas, sociais favoráveis muito contribuiu para o seu rápido crescimento numérico. Mas fica a crítica de que este poder nem sempre foi usado para promover a comunhão entre as igrejas cristãs, pelo contrário, por muito tempo o pentecostalismo se revelou avesso a todo e qualquer proposta de diálogo ecumênico. Deste modo, perdeu boas oportunidades de enriquecimento de sua eclesiologia. Convém lembrar, o Pentecostes gerou diálogo entre os diferentes, a esta verdade os pentecostais devem atentar.

### **3 ESCATOLOGIA PRÉ-MILENARISTA**

No pentecostalismo se espera a implantação do Reino dos céus, instaurada por obra de Deus em Cristo, com nenhuma participação humana para sua realização. Por isso, o terror da irrupção repentina da parúsia cerceia ou impede a possibilidade de criar um modelo novo de sociedade; o Milênio, que é o continente simbólico para uma nova sociedade, virá somente por graça de Deus, sem a participação humana.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> CAMPOS, 2002, p. 57-58.

Os estudos a respeito do pentecostalismo brasileiro vinculam a perspectiva escatológica pré-milenarista à cosmovisão dos crentes e seus respectivos posicionamentos diante das questões sociais e políticas que os cercam. O pré-milenarismo é caracterizado pela esperança de “uma intervenção sobrenatural divina, uma crença na irrupção do sobrenatural na história”.<sup>8</sup>

Em linhas gerais podem-se apresentar as seguintes características básicas do pré-milenismo e apocalipsismo pentecostal:

- a) Divisão da história humana em diferentes dispensações já conhecidas por Deus e sob seu controle. Deus conduz a história para seu alvo certo. Nos últimos dias, Deus agirá por meio de seu Filho pra concretizar seu plano;
- b) O período atual de sofrimento e de aparente domínio do mal é apenas uma etapa passageira, uma provação para o povo de Deus;
- c) Espera o juízo de Deus num futuro próximo, assim como a vinda de Jesus em glória para arrebatara os crentes fiéis para o céu;
- d) Dualismo entre este mundo e o vindouro, entre anjos bons e maus, entre Deus e Satanás.<sup>9</sup>

Por conseguinte, a ideia de construir o Reino divino ou de cooperar com ele é totalmente alheia à mentalidade do pentecostalismo, porque seu milenarismo é um apocalipsismo e não um messianismo. A teologia

---

<sup>8</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evangélicos e pentecostais: um campo em ebulição. In: TEIXEIRA, Fautino; MENEZES, Renata (Orgs.) **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 98-110.

<sup>9</sup> Cf. ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: a doutrina das últimas coisas. In: GILBERTO, 2008, p. 487-488. BERGSTÉN, Eurico. **Teologia sistemática**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 337-368.

pentecostal bebe nas fontes da apocalíptica judaica.<sup>10</sup> O messianismo tem por objetivo a mudança da realidade do mundo, trazendo o Reino para dentro da história humana, um bom exemplo é a proposta da Teologia da Libertação. Já o apocalipsismo abraçado pelo pentecostalismo apresenta uma proposta de negação da história, de fuga da realidade e abandono do mundo. O mundo não presta e deve ser destruído.

Para se entender essa postura teológica é útil apresentar o contexto histórico do apocalipsismo. Ele nasceu numa situação de crise da sociedade judaica; numa situação de aperto, subjugação, enfim, de ameaça a vida que resultou na resistência durante a dominação dos gregos, especialmente do rei selêucida Antíoco IV Epífanes.<sup>11</sup> A literatura apocalíptica que surgiu deste contexto moldou o modus religioso dos escritores do Novo Testamento, sendo que isso é mais evidente no livro de Apocalipse.<sup>12</sup>

Semelhantemente, o pentecostalismo cresceu em meio às massas oprimidas, atingiu pessoas marginalizadas, em situação de anomia. O cenário internacional também era ameaçador, com feições “apocalípticas”. Gedeon Alencar observa que “o pentecostalismo moderno surge no final do século XIX e se consolida nas primeiras décadas do século XX. Período áureo entre a I e II Guerra Mundial com o

---

<sup>10</sup> *Apocalíptica judaica*. Esta surgiu em Israel entre os grupos que resistiram contra a helenização forçada do Judaísmo e a opressão do Império Grego que “devorava e tritura-va” o povo. A literatura apocalíptica quer motivar seus destinatários na luta pela fé judaica, assim como seus valores éticos e morais. Quer comunicar a esperança de que Deus interviria a fim de libertar os judeus da dominação estrangeira. GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia**: período grego e vida de Jesus. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2005. p. 61.

<sup>11</sup> GASS, 2005, p. 61.

<sup>12</sup> Segundo Bornkamm o livro de Apocalipse situa-se na tradição, perspectiva e gênero literário da apocalíptica judaica do tempo. Seus grandes temas, retratados são o fim do mundo, o Juízo Final e a inauguração do novo céu e da nova terra. A apocalíptica judaica fornece a chave para entender os pensamentos fantásticos e a linguagem arcaica do Apocalipse de João. BORNKAMM, Gunther. **Bíblia, Novo Testamento**: introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2003. p. 143.

perigo nuclear rondando como espectro.”<sup>13</sup> Portanto, elementos de crise, medo e angústias semelhantes à sociedade judaica em sua subjugação às potências estrangeiras. Também em comum com àqueles os sonhos e ideais de uma irrupção da ação libertadora de Deus, de cunho inteiramente sobrenatural. Segundo Pommerening:

O pentecostalismo teve sua matriz teológica formatada em contextos de pobreza, inicialmente alicerçados em ciclos migratórios e posteriormente em periferias urbanas marginalizadas, influenciados pela distância da terra natal e parentes próximos, ausência do estado em suprir necessidades básicas e num ambiente de sofrimento e busca. Esta realidade ainda se faz presente. Em pesquisa realizada pelo IBGE levando em conta o rendimento médio mensal familiar, segundo a religião da pessoa de referência da família, aponta o fato de que as de origem pentecostal apresentam os menores rendimentos, em relação às demais religiões.<sup>14</sup>

Assim, uma concepção religiosa de negação do mundo, e até mesmo de juízo para com este mundo mal foi bem-vinda entre os marginalizados. Também existe certa base bíblica para o apocalipsismo adotado pelo pentecostalismo, como pode ser verificado no livro do profeta Daniel e no Apocalipse de João, ambos caracterizados pela literatura apocalíptica. Portanto, não houve apenas elementos condicionadores de matriz sociológica que configurou o pentecostalismo. É preciso reconhecer sua base bíblica e teológica. Por outro lado, não se pode desprezar o fato, de que toda tradição religiosa sofre influência do meio social em que está inserida.

Por tudo isso, percebe-se uma indiferença pentecostal concernente às questões sociais, culturais, humanísticas, entre outros. Para Rolim:

---

<sup>13</sup> ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira.** São Paulo: Arte Editorial, 2005. p. 64.

<sup>14</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. **A relação entre a oralidade e a escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades.** 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.



[...] pela forte ênfase que esta põe na sociedade futura a ser instaurada com a vinda de Cristo, opera-se um corte ente o crente e sua situação concreta na sociedade. Segundo, esta mesma percepção deixa em plano secundário e a bem dizer esquecido o «hic et nunc» da ação pentecostal.<sup>15</sup>

Pode-se afirmar, que segundo a perspectiva pentecostal mais radical tudo o que está associado ao humano, sem vínculos explícitos com a fé pentecostal é profano, mundano. Tudo que de alguma forma está ligado a esse mundo deve ser rejeitado, pois é anátema. Mariano disse:

Tradicionalmente os pentecostais repudiam o que denominam convencionalmente de “mundo” ou “mundanismo”. Isso vem de longe na história do cristianismo; prende-se a concepções teológicas nas quais o status da criatura, da matéria, da carne, bem como seus desejos, atributos e necessidades, após a queda do Paraíso e perante a onipotência e perfeição do Criador, é baixíssimo.<sup>16</sup>

Muitos pentecostais vivem no mundo com uma postura desconfiada com tudo o que é humano e secular. Porém, o humano em si é bom, porque foi criado por Deus. Aliás, a obra da salvação não consiste em libertação da condição humana, antes, pelo contrário resgata a humanidade que foi perdida por conta do pecado. Assim, numa perspectiva teológica mais holística e integrada com a Criação, ser santo é ser mais humano. Aliás, como bem destacou Erickson, nós não somos plenamente humanos, pois só Jesus Cristo foi um humano puro.<sup>17</sup> Quando o ser humano se relaciona com Deus por intermédio de sua fé em Cristo, sua condição humana corrompida pelo pecado vai se “humanizando”. Portanto, a salvação não nega a humanidade, antes a confirma e a estabelece.

Parte dessa antropologia pessimista e desta cosmovisão que demoniza a criação se deve a uma negligência quanto ao fato de que este mundo é

---

<sup>15</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 224-225.

<sup>16</sup> MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 189.

<sup>17</sup> Cf. ERICKSON, Millard. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 296-297.

criação de Deus. Assim, o Espírito de Deus está intimamente ligado com o cosmos: “toda a terra está cheia da sua glória”. Porém, para muitos pentecostais parece que o universo está sob o domínio de Satanás. Parece que todas as relações humanas estão tão afetadas pela atividade demoníaca que tudo foi contaminado. Só escapa dessa contaminação àqueles que estão atrelados à comunidade de fé pentecostal. Àqueles que foram batizados no Espírito Santo. Só estes estão imunes às investidas do mal.

Por tudo isso o pentecostal não mantém relação direta com a história humana ou a vida em sociedade. Está ocupado diretamente com a eternidade, ou com a “entrada no céu”. Como diz Alencar:

A soteriologia de cada grupo religioso determina sua visão de mundo, é a síntese de outro texto clássico de Weber (1996b). Ou seja, se creio que o mundo será destruído irreversivelmente e nada poderá, ou deverá mudar, no que alguns chamam de “teologia do quanto pior melhor”, por que tentar alterá-lo? Alguma democracia, nenhuma democracia ou total ditadura faz alguma diferença? Não. A mansão no céu, sim.<sup>18</sup>

A questão chave do discurso e prática pentecostal é de que maneira as pessoas podem escapar da condenação e serem salvas. A história é valorizada apenas como um elemento para a vida terrena. As igrejas pentecostais são instituições da salvação, mas da salvação de indivíduos, não comunidade que antecipa o Reino de Deus.

Para Moltmann, receber a salvação não precisa implicar em abandono da vida, história ou sociedade. Pelo contrário, deve-se voltar para essas dimensões de modo renovado e transformador, sendo agente e sinal do Reino de Deus.<sup>19</sup> Diante disso, Moltmann questiona os carismáticos (pentecostais) que apresentam essas tendências de fuga e indiferença para com o mundo:

<sup>18</sup> ALENCAR, 2005, p. 64.

<sup>19</sup> Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **A fonte da vida**: o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002. p. 79-87.

[...] onde estão os carismáticos no atual “movimento carismático”: onde estão os carismáticos no cotidiano do mundo, na política, no movimento pacifista e no movimento ecológico? Por que não protestaram conosco contra os mísseis atômicos? Considerando que as forças do divino Espírito não são concedidas para fugir dos conflitos desse mundo real para um mundo religioso ilusório, mas sim para testemunhar no meio dos conflitos o senhorio libertador de Cristo, então o “movimento carismático” não deve tornar-se uma religião privada, alheia à política. O critério da vida no Espírito Santo é e continua a ser o seguimento de Jesus.<sup>20</sup>

A condenação do mundo continua no meio pentecostal, mas ao invés de tal juízo resultar em afastamento das questões seculares, timidamente o discurso passa a mudar, pois agora é preciso “fazer diferença” no mundo. Aqui e acolá, não se pode negar, aparecem sinais de maior engajamento social, cultural e político. Mas como tal engajamento pode combinar com uma perspectiva apocalíptica e pré-milenarista? Temos aqui uma tensão que ao longo da história do pentecostalismo será resolvida, ou não?

#### 4 VISÃO MÍTICA DA CRIAÇÃO

No pentecostalismo o relato da criação é compreendido de modo literal e não em um sentido simbólico ou que remeta a uma realidade última. Essa visão mítica<sup>21</sup> da criação interpreta a origem do universo em termos literais nos seis dias da criação, segundo o relato bíblico.<sup>22</sup> Rejeita a teoria da evolução<sup>23</sup>, por considerá-la contrária à Bíblia.

---

<sup>20</sup> MOLTSMANN, 2002, p. 69.

<sup>21</sup> *Mítica, mito*. O mito explora plástica e dramaticamente o que a metafísica e a teologia definem dialeticamente. O mito manifesta, melhor que a experiência racional, a própria estrutura da divindade, que está situada acima dos atributos e reúne em si mesma todos os opostos. [...] por outro lado, [...] não se deve tomar literalmente a linguagem mítica. CROATTO, 2010, p. 201.

<sup>22</sup> CAMPOS, 2002, p. 57.

<sup>23</sup> Essa teoria foi proposta inicialmente por Darwin, que defendia que as espécies evoluem segundo o princípio “da sobrevivência do mais forte”. Sendo assim, as espécies que existem atualmente evoluíram de outras que existiram antes. GONZÁLEZ, Justo L.; PÉREZ, Zaida M. **Introdução à teologia cristã**. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 93.

Em toda a cristandade vê-se desconfiança para com a evolução das espécies, conforme proposta por Charles Darwin. Hefner assinala: “A Igreja cristã e seus teólogos têm achado difícil lidar com o conceito de evolução, especialmente desde que Charles Darwin o elaborou em 1859”.<sup>24</sup> Os pentecostais o rejeitaram completamente. Segundo Bergstén, teólogo pentecostal: “As teorias evolucionistas são totalmente falsas e sem fundamento científico”.<sup>25</sup> As afirmações de que espécies inferiores evoluíram para espécies superiores é considerada inteiramente falsa.

O criacionismo pentecostal critica aqueles que confiam demasiadamente na capacidade da ciência em reconhecer a verdade. A verdade que deve prevalecer deve ser bíblica. A rejeição pentecostal do evolucionismo, em linhas gerais, fundamenta-se ainda nos seguintes argumentos:

- a) Parece que as variações genéticas têm seus limites; não ocorrem em todas as direções, e as mutações sempre são prejudiciais;
- b) O processo da formação das espécies pode ser melhor explicado pelo isolamento ecológico que por processos macroevolucionários;
- c) O registro fóssil contém lacunas entre formas importantes de organismos vivos, deixando de fornecer elos na cadeia evolutiva (elos que estariam presentes aos milhares fosse verídico o evolucionismo);
- d) Quando os bioquímicos examinam a estrutura do DNA de vários organismo, encontram um padrão aleatório na sua composição química, e não a progressão incremental que aumenta de acordo com a complexidade - conforme exige o evolucionismo.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> HEFNER, Philip J. Desafios à contínua tarefa doutrinal. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.) **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1990. v. 01, p. 355.

<sup>25</sup> BERGSTÉN, Eurico. **Teologia sistemática**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 44.

<sup>26</sup> MUNYON, Timothy. A criação do universo e da humanidade. In: HORTON, Stanley M. **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal**. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 240-242.

O pentecostalismo entende que a teoria evolucionista se constitui numa negação da criação tal como se descreve nos primeiros capítulos de Gênesis. Bergstén é ainda mais incisivo: “A teoria evolucionista é um combate organizado contra Deus”.<sup>27</sup>

Já outros teólogos cristãos, como Hefner, entendem que a evolução não é necessariamente contra a fé cristã. Deste modo, afirma:

Não é a posição de Cristo, o promulgador e a corporificação do amor sacrificial, como Logos de toda verdade, engrandecida quando se percebe que esta verdade está escrita na própria estrutura genética da vida? Nossa nova valorização da complexidade da matéria e da versatilidade dos processos evolutivos aponta para a possibilidade de que espírito e matéria possam ter o mesmo ponto de origem e de que de fato possa ser verdadeiro dizer que os termos “matéria” e “espírito” se referem a duas configurações da mesma realidade, não a duas realidades diferentes.<sup>28</sup>

A questão chave do assunto é bem apontada por González e Perez: “É possível reconciliar os dados da ciência com os postulados da fé? Pode a ciência sustentar e enriquecer a fé ou só questioná-la e negá-la?”<sup>29</sup>

Observa-se algumas alternativas de resposta ou conciliação por parte da teologia cristã:

- a) Alguns tratam de reconciliar as teorias evolucionistas com a Bíblia, alegando que os seis dias são figurativos e que se referem cada um a uma etapa do processo criador;
- b) Outros afirmam que não existe contradição alguma, se esclarece que o importante que o Gênesis diz não é como Deus fez o mundo, mas o fato de que tudo quanto existe tem sido criado por Deus;
- c) Outros (o pentecostalismo situa-se aqui) sustentam que as histórias de Gênesis 1 e 2 devem ser tomadas literalmente e que Deus fez o mundo em seis dias. Para esses últimos, qualquer posição

---

<sup>27</sup> BERGSTÉN, 2005, p. 45.

<sup>28</sup> HEFNER, Philip J. Desafios à contínua tarefa doutrinal. In: BRAATEN; JENSON, 1990, v. 01, p. 357.

<sup>29</sup> GONZÁLEZ; PÉREZ, 2008, p. 93.

que defenda uma descrição das origens, diferentes da do Gênesis ameaça a autoridade da Bíblia e, portanto, deve ser rejeitada.<sup>30</sup>

Deste modo, se o pentecostal rejeita totalmente a teoria da evolução como meio de explicar as origens do mundo, da vida, do ser humano, entre outros, como então entende a origem da realidade? Como já exposto, defendem que a Bíblia possui todas as respostas, não apenas no que se refere à salvação, mas inclusive sobre a origem do cosmos. Sua base encontra-se na Bíblia. Contudo, foi elaborada uma teoria especulativa da criação, ou seja, a chamada “teoria da Lacuna”, não aceita por todos os pentecostais, mas que certamente prevalece em seu meio, sendo citada em algumas das mais importantes obras pentecostais no Brasil.<sup>31</sup>

#### 4.1 A teoria da lacuna

A teoria da lacuna foi proposta inicialmente por George. H. Pember em 1876, na obra “*As eras mais primitivas da Terra*”.<sup>32</sup> Essa teoria afirma que entre os versículos 1 e 2 do primeiro capítulo de Gênesis há uma lacuna onde existiu uma raça Pré-Adâmica e onde era a habitação original dos homens pré-históricos e dos antigos dinossauros. Foi popularizada no segmento pentecostal pelo assembleiano Finis Jennings Dake, em sua Bíblia de estudos anotada “*Dake’s Annotated Reference Bible*”, e no Brasil por Lawrence Olson, em sua obra “*Plano Divino Através dos Séculos*”.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> GONZÁLEZ; PÉREZ, 2008, p. 94.

<sup>31</sup> Cf. BERGSTÉN, 2005, p. 42-43. GILBERTO, 2008, p. 84-87.

<sup>32</sup> PEMBER, G. H. **As eras mais primitivas da terra**. São Paulo: CCC Edições, 2002.

<sup>33</sup> Segundo Pember e seus seguidores, em Genesis 1.1, Deus criou o universo completo e perfeito, e Satanás era o arcanjo que habitava e governava essa Terra Pré-Adâmica, um reino originalmente perfeito. Então Satanás e os habitantes pré-adâmicos dessa Terra se rebelam contra o Criador de todas as coisas, de tal forma que ele e a primitiva população foram amaldiçoados e destruídos por uma inundação. Segundo os defensores dessa teoria os resultados da inundação são vistos em Gênesis 1.2. Alegam ainda que a expressão “sem forma e vazia” quer dizer “tornou-se sem forma e vazia” aludindo a expansão arruinada e devastada como resultado de um julgamento e que deve, portanto, ser interpretada como “uma ruína e uma desolação”. Cf. PEMBER, 2002, p. 47-97.

Segundo Soares, teólogo pentecostal, “os chamados dias da criação seriam, nesse caso, “dias da recriação” ou “restauração”. Isso é a chamada “teoria da Lacuna”. Conforme a teoria em apreço, a Bíblia fala da Terra em seu estado original, quando Deus a criou “no princípio”, pois, em seguida, o texto sagrado registra: “E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gn 1.2).<sup>34</sup>

Os pentecostais que defendem essa teoria gostam de citar Is 45.18: “*o Deus que formou a terra e a fez; ele a estabeleceu, não a criou vazia.*” Ainda segundo a teoria, a Terra “tornou-se” ou “veio a ser” sem forma e vazia, e, portanto, não há problemas em se traduzir Gênesis 1.2, como: “*E a terra veio a ser vazia e deserta...*”. Teria, pois ocorrido uma catástrofe universal que transformou a Terra original num caos. Teria, ainda, havido um período de tempo que não se pode calcular entre Gênesis 1.1 e 1.2. Assim, se entenderia porque a Ciência afirma que o planeta Terra possui milhões de anos de existência. Segundo Soares, essa era a teoria propagada por pioneiros da Assembleia de Deus, como Eurico Bergstén e o já citado N. Lawrence Olson. Vale destacar ainda: essa teoria é atualmente divulgada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD, por meio da obra “*Teologia Sistemática Pentecostal*”.<sup>35</sup>

A teoria da lacuna apresenta várias fragilidades, dentre as quais podemos citar aquela que está relacionada à língua hebraica e aos aspectos históricos do hagiógrafo.

Primeiro, a gramática hebraica não permite uma lacuna de milhões ou bilhões de anos entre os dois primeiros versículos de Gênesis. O hebraico tem uma forma especial que indica sequência e introduz aquela forma a partir de 1.3. Nada indica uma falta de sequência entre 1.1 e 1.2; pelo que os versículos devem ser interpretados em seu sentido óbvio e próprio. “O

---

<sup>34</sup> SOARES, Ezequias. Teologia: a doutrina de Deus. In: GILBERTO, 2008, p. 84-87.

<sup>35</sup> GILBERTO, 2008, p. 84-87.

céu e a terra” é uma expressão consagrada em hebraico para designar o universo (Gn 2.1,4; 11.19,22; Sl 68.35; 114.15).<sup>36</sup> Os versículos 1 e 2a descrevem o estado em que se achava o universo nos seus primórdios: a terra, informe e vazia (*tohu-wa-bohu*), era toda recoberta de águas (*tehom*, abismo cheio de águas), sobre as quais estendiam-se as trevas.

Em segundo lugar, o autor falava de acordo com as categorias de pensamento de seu tempo, para significar que anteriormente à ordem e à harmonia existentes no mundo, havia, de fato, o caos; este, porém, não constava de deuses ou monstros mitológicos como se costumava pensar na cultura mesopotâmica dos quais um teria suplantado os demais e plasmado tanto o mundo visível como o homem; constava, ao contrário, dos mesmos elementos do mundo atual, os quais não têm existência indefinida nem eterna (como eterno é o único e verdadeiro Deus), mas foram tirados do nada por um Criador.

Quanto ao estado preciso em que Deus suscitou a matéria, e quanto às idades geológicas que esta atravessou, o autor nada quis dizer, pois isto é do domínio científico e não interessava diretamente à finalidade religiosa do livro sagrado.

Portanto, a teoria da lacuna apresenta-se como uma teoria amplamente questionável. Entre as diversas considerações do teólogo Willmington sobre a teoria em apreço, ele afirma que ela não é científica, não é bíblica e não é necessária.<sup>37</sup>

Por fim, convém citar as sábias palavras de Tillich:

A ciência vive e funciona numa outra dimensão e, portanto, não pode interferir nos símbolos religiosos da criação, da plena realização, do perdão e da encarnação. Por outro lado, a religião também não pode interferir nas declarações da ciência. As declarações

<sup>36</sup> MUNYON, Timothy. A criação do universo e da humanidade. In: HORTON, 2008, p. 234.

<sup>37</sup> WILLMINGTON, Harold L. **Auxiliar bíblico Portavoz**. Grand Rapids, Michigan: Portavoz, 1984, p. 39.



científicas a respeito do surgimento da vida dos seres humanos ou sobre a maneira como a primeira célula teria vindo de grandes moléculas não afetam a teologia.<sup>38</sup>

O pentecostalismo, portanto, não tem razões para temer a ciência, muito menos demonizá-la. Sua compreensão da origem do mundo, conforme exposto é de caráter bíblico e mítico e, portanto, de outra ordem. A ciência não pode confirmá-la e nem negá-la. Quanto à teoria da Lacuna, devido a suas inúmeras fragilidades, deve ser rejeitada totalmente pelos teólogos pentecostais.

## 5 ANTROPOLOGIA FUNDAMENTALMENTE DUALISTA

No pentecostalismo existe uma compreensão antropológica em que prevalece o dualismo corpo/alma, pois usualmente acentua-se a alma ou “espírito”, em detrimento do corpo. Parece-se configurar uma antropologia unilateral que concebe o humano como sendo principalmente “alma” ou “espiritual. Segundo Klein o pentecostalismo é uma das expressões religiosas atuais de caráter dualista.<sup>39</sup> Porém, de modo geral, essa tem sido a característica da maioria das igrejas evangélicas, que têm demonstrado indiferença para com o corpo e grande valorização da alma.<sup>40</sup> O comentário de René Padilla a respeito das correntes teológicas que têm norteado a Igreja na América Latina parece confirmar esta ideia, pois segundo o teólogo:

---

<sup>38</sup> TILLICH, Paul. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX**. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2004. p. 173.

<sup>39</sup> Cf. KLEIN, Carlos Jeremias. Dualismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008. p. 310-313.

<sup>40</sup> As igrejas evangélicas brasileiras não apreenderam bem a visão bíblica de ser humano integrado, porque não é somente no pentecostalismo que há “suspeitas” em relação ao corpo. Mas como se pode verificar isto? Pelo fato de que não há uma teologia que inicie a partir do corpo ou que o considere seriamente à luz da perspectiva bíblica. Exemplo: na obra “O Melhor da Espiritualidade Brasileira”, de corrente conservadora, organizada por Bomilcar, que pretende “(...) refletir conosco sobre os vários aspectos da espiritualidade cristã (...) que reúnem os valores que a Igreja Evangélica Brasileira conseguiu despertar” simplesmente silencia a respeito do corpo. Cf. BOMILCAR, Nelson (Org.) **O melhor da espiritualidade brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 8.

(...) a influência de uma teologia unilateral que valoriza a relação do crente com Deus \_ sem contudo, levar em conta outros aspectos fundamentais da vida humana \_ tem sido muito forte no continente. Trata-se de uma teologia procedente do Norte, individualista, com muita ênfase na salvação da alma como algo para o futuro, para além da tumba.<sup>41</sup>

Diante desta realidade, o pentecostalismo, fiel ao seu contexto eclesial segue na mesma tendência. Os efeitos disso podem ser uma exagerada valorização do espiritual, que esquece o “aqui e agora”, e enfatiza a salvação da alma.

Para o pentecostalismo o corpo é a parte tangível, exterior e perecível do homem (Gn 3.19), que é animado pela alma e espírito. Tangível e exterior quer dizer que é material e orgânico. É através dele que a alma se expressa com o mundo físico, sendo ele o “invólucro” ou “bainha” da alma. Os teólogos pentecostais Duffield e Cleave afirmam: “O corpo natural, físico, do homem é apenas um tabernáculo temporário para a pessoa real que o habita”.<sup>42</sup> Para o pentecostal Silva: “A Alma humana é a parte mais importante da natureza constitutiva do homem”.<sup>43</sup>

No “Credo oficial das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil”, maior representante do pentecostalismo brasileiro afirma-se a seguinte crença: “No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna *justificação da alma* recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor”.<sup>44</sup> Assim, omite-se a afirmação cristã da “ressurreição do corpo”.<sup>45</sup>

<sup>41</sup> VEIGA, Carlinhos. O Evangelho do próximo. Entrevista com René Padilla. Disponível em: <<http://www.cristianismohoje.com.br/artigo.php?artigoId=33588>>. Acesso em: 15 set. 2008.

<sup>42</sup> DUFFIELD, Guy P.; CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia Pentecostal**. São Paulo: Publicadora Quadrangular, 1991. p. 172.

<sup>43</sup> SILVA, Severino Pedro da. **O homem: a natureza humana explicada pela Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1988. p. 29.

<sup>44</sup> ARAUJO, 2007, p. 562 [grifo meu].

<sup>45</sup> Cf. ALTMANN, Walter (Org.) **Nossa fé e suas razões**. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 74.

O credo da AD não menciona a salvação do corpo do ser humano, mas somente a “eterna justificação da alma”, revelando desse modo um verdadeiro reducionismo antropológico e soteriológico. Essa excessiva valorização da salvação da alma, e conseqüente esquecimento do corpo no credo da AD, também estão presentes na prática dos crentes pentecostais. Zabatiero disse: “O conceito de “salvação da alma” foi muito forte no cristianismo durante séculos e até mesmo hoje em dia ainda há sistemas teológicos e pessoas que crêm [sic] dessa maneira”.<sup>46</sup>

Convém ainda considerar, que nunca foi simples para a pessoa comum, que fora atraído para as igrejas pentecostais, apreender adequadamente a concepção bíblica da integridade do ser humano em sua dimensão material-espiritual. Para ela, o corpo a princípio, era em si mesmo uma natureza pecaminosa, estava aprisionado à sombra de uma força poderosa, o poder da carne, que se opõe ao espírito.

Esta antropologia dualista que separa de modo radical carne (corpo) e espírito favorece, conforme Campos, “uma ética de negação do mundo e uma feroz oposição entre o sagrado e o profano, que impede, por exemplo, explicar ou compreender os processos de secularização como perfeitamente normais ou como necessários para o amadurecimento da fé”.<sup>47</sup>

Como se pode constatar a concepção tripartida da constituição humana, defendida pelos pentecostais, favorece o dualismo antropológico. Isto posto, o pentecostal Munyon propõe uma alternativa a esse modelo, ou seja, o conceito de “unidade condicional” do ser humano, conforme defendido por Erickson.<sup>48</sup> Segundo Munyon: “O tricotomismo é bastante popular nos círculos conservadores. H. O. Wiley indica que erros podem

---

<sup>46</sup> ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Como é o mundo em que vivemos? In: OLIVA, Alfredo dos Santos et al. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2006. (Curso Vida Nova de Teologia Básica; v. 7) p. 56-57.

<sup>47</sup> CAMPOS, 2002, p. 58.

<sup>48</sup> Cf. MUNYON, Timothy. A criação do universo e da humanidade. In: HORTON, 2008, p. 251-252.

ocorrer quando seus vários componentes ficam fora de equilíbrio”.<sup>49</sup> Após discorrer a respeito do monismo, dicotomismo e tricotomismo e ter “[...] observado possíveis erros dentro de cada posição”, Munyon apresenta uma síntese que incorre no conceito de unidade condicional do ser humano.<sup>50</sup> Esse conceito destaca a unidade essencial do ser humano, sem, contudo, negar as diferenças existentes entre as dimensões que o constituem.<sup>51</sup>

Na antropologia pentecostal a ênfase em torno da alma e espírito como substâncias que formam a identidade humana, separadas da realidade do corpo, bem como o privilégio destes no contato com Deus são contrárias à concepção bíblica. Segundo Rubio uma visão antropológica correta deverá sublinhar a unidade do ser humano, porém, respeitando as diferentes dimensões que o constituem. Logo: “Nem dualismo, nem monismo, mas unidade pessoal, na dualidade de aspectos constitutivos.”<sup>52</sup>

Hefner afirma que a compreensão contemporânea a respeito do ser humano não permite uma concepção dicotômica ou tricotômica, exceto metaforicamente.<sup>53</sup> Assim, a concepção denominada “unidade condicional” parece ser uma boa alternativa pentecostal para substituir as concepções tricotômica (teologia pentecostal), dicotômica ou monista.<sup>54</sup> Nesta concepção a condição espiritual da pessoa não pode ser tratada independentemente de sua condição física. O que afeta o corpo afeta também a alma. A separação das dimensões material e espiritual do ser humano só ocorre por ocasião da morte.

---

<sup>49</sup> MUNYON, Timothy. A criação do universo e da humanidade. In: HORTON, 2008, p. 249.

<sup>50</sup> MUNYON, Timothy. A criação do universo e da humanidade. In: HORTON, 2008, p. 251-252.

<sup>51</sup> ERICKSON, 1997, p. 231.

<sup>52</sup> RUBIO, Alfonso García. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs.** São Paulo: Paulinas, 1989. p. 286.

<sup>53</sup> HEFNER, Philip J. A criação. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. **Dogmática cristã.** São Leopoldo: Sinodal, 1990. v.1, p. 336.

<sup>54</sup> ERICKSON, 1997, p. 231.

Isso se refere à doutrina do estado intermediário entre a morte e a ressurreição em que a alma/espírito se encontraria separadas do corpo (2 Co 5.2-4; 1 Co 15). Por isso que essa unidade do ser humano é *condicional*.<sup>55</sup> De acordo com essa concepção, o estado normal do ser humano é um ser unitário materializado. Contudo, essa condição monística pode, porém, ser quebrada pela ocasião da morte, de modo que o aspecto imaterial continua vivendo, mesmo quando a matéria se decompõe. Na ressurreição, porém, haverá um retorno para a condição material ou corpórea. Erickson disse:

Podemos pensar que cada ser humano é um composto unitário de um elemento material e outro, imaterial. O elemento espiritual e o físico nem sempre são distinguíveis, pois o homem é um ser unitário; não há conflitos entre a natureza material e a imaterial. O composto pode, porém, ser dissociado: a dissociação ocorre na morte. Na ressurreição será formado um novo composto, com a alma (se escolhermos esse nome) voltando a ser inseparavelmente ligada ao corpo.<sup>56</sup>

Portanto, a solução para a diversidade de dados na Bíblia, segundo essa perspectiva antropológica, não é a imortalidade da alma ou a ressurreição do corpo. Em harmonia com o que tem sido defendido por boa parte da cristandade, é ambas.

A teologia pentecostal defende a imortalidade da alma, assim como a ressurreição do corpo. A afirmação de uma parece resultar na negação da outra, contudo, os pentecostais se fundamentam em alguns textos bíblicos que parecem sugerir a imortalidade, assim como a ressurreição (cf. Mt 10.28; 2 Co 5.8; 1 Pe 3.4; Dn 12.2).

Isto posto, espera-se num futuro próximo, que o pentecostalismo aproxime-se mais da perspectiva antropológica bíblica, sem dualismos e reducionismos da condição humana. O ser humano é ser de transcendência, ou seja, de abertura para o espiritual, mas também é ser de imanência, de

---

<sup>55</sup> ERICKSON, 1997, p. 231.

<sup>56</sup> ERICKSON, 1997, p. 232-233.

vínculos inevitáveis com a materialidade da vida. De sorte que toda concepção unilateral, que destaque demasiadamente uma das dimensões humanas, quer seja espiritual ou corpórea, só pode resultar em problemas para o ser humano em sua relação com Deus, consigo mesmo e com a sociedade onde está inserido.<sup>57</sup>

## 6 INDIVIDUALIZAÇÃO PENTECOSTAL

O pentecostalismo destaca a experiência extática individual em relação a uma experiência comunitária. É inegável, que o modo cristão evangélico de ser é de caráter individualista. Cada um em particular deve ser justificado mediante sua fé em Cristo. Não é a simples adesão à Igreja ou pertença a uma denominação cristã que salva o sujeito, mas sua fé particular, ou seja, sua confiança em Cristo e decisão de segui-lo. O foco encontra-se na atitude do indivíduo. Isto posto, pode-se afirmar que o pentecostalismo tem aumentado essa tendência evangélica.

Pode-se constatar o individualismo pentecostal nas seguintes expressões: “Vim receber minha bênção”; “receba sua vitória” ou ainda, “Deus tem uma grande obra em minha vida”. Outro bom exemplo trata-se da conhecida teologia da prosperidade que parece estar se infiltrando no pentecostalismo clássico. Assim, o indivíduo é situado em primeiro plano em detrimento da comunidade. O Espírito tem compromisso exclusivo com o indivíduo. Nesse sentido o pentecostalismo segue a tendência da sociedade atual. Sociedade esta que Bauman rotulou de “sociedade individualizada”.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> Para saber mais a respeito do assunto confira: ALBANO, Fernando. **Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal**. 2010. Dissertação (Mestrado) - IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo (RS).

<sup>58</sup> Cf. BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Apesar de sua base doutrinária e de vida ser oriunda do relato bíblico de Atos capítulo 2, que, aliás, é fortemente comunitário (pois o Espírito Santo não veio sobre indivíduos, aqui e acolá, mas sobre a comunidade cristã) o pentecostalismo em seu discurso e prática, acaba reforçando o individualismo. Assim, o que no princípio tinha um forte aspecto comunitário, foi reduzido a uma experiência pessoal. O Espírito é derramado sobre toda carne, isto inclui, homens e mulheres, pobres e ricos, velhos e jovens. Assim, o Espírito quebra barreiras socioeconômicas, etárias e barreiras de gênero. Enfim, promove a comunhão entre os diferentes, a unidade do Corpo de Cristo (cf. Ato 2).

O pentecostalismo defende a atualidade da operação dos dons do Espírito Santo. Esses dons têm o objetivo de edificar a comunidade de fé (1 Co 12). Não são para o deleite pessoal, nem para fortalecimento de individualidades. Paulo, o apóstolo escreveu:

Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo. A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura, são todos apóstolos? Ou todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos? (1 Co 12.27-30).

Horton, teólogo pentecostal, discorreu bem a respeito da diversidade de dons e unidade da Igreja:

O propósito da variedade (dos dons espirituais) é possibilitar o corpo a funcionar como unidade. A variedade, portanto, não visa a vantagem do indivíduo, ao dar mais coisas para desfrutarmos. Visa, pelo contrário, a vantagem da Igreja [...] Deus, deliberadamente, concedeu dons e ministérios a pessoas diferentes. Ele quer que reconheçamos ser necessário precisarmos uns dos outros.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> HORTON, Stanley M. **A doutrina do Espírito Santo**. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 231-32; 236.

O individualismo pentecostal destrói a capacidade de mobilização. Não há lutas comunitárias com fins de modificação das estruturas de poder marcadas por injustiça e corrupção. Segundo Rolim: “Os males sobre os quais se invoca o poder divino são geralmente os males e doenças individualmente sentidos”.<sup>60</sup> Busca-se uma bênção individual. Individualmente abençoado, o crente pentecostal sente-se satisfeito. O poder do Espírito Santo é desejado para atender demandas individuais. Este comportamento repercute em comportamentos éticos-sociais.

Moltmann, um dos maiores teólogos contemporâneos, reconhece a importância do pentecostalismo: “Finalmente, sem dúvida o movimento pentecostal é hoje a Igreja cristã que cresce mais rapidamente, sobretudo em países do terceiro mundo”.<sup>61</sup> O teólogo prossegue: “Considero o falar em línguas uma ação tão intensa do Espírito no íntimo da pessoa que a expressão se desprende da linguagem inteligível e desata em gemidos, gritos e fala ininteligível [...]”.<sup>62</sup> Contudo, adverte: “A verdadeira espiritualidade não pode ser uma experiência solitária, egoísta, pois cada indivíduo existe no tecido de relações sociais e políticas”.<sup>63</sup>

A experiência com o Espírito Santo ocorre no contexto da vida comunitária, em interface com a sociedade onde a Igreja se faz presente. Manifestações pragmáticas e experimentalistas, onde o indivíduo é o centro das atenções é séria distorção da experiência no Espírito Santo. Além disso, tal prática reforça tendências seculares, como um tipo de individualismo que se encaixa perfeitamente em um modelo de economia de mercado.

---

<sup>60</sup> ROLIM, 1985, p. 231.

<sup>61</sup> MOLTSMANN, 2002, p. 68.

<sup>62</sup> MOLTSMANN, 2002, p. 68-69.

<sup>63</sup> MOLTSMANN, 2002, p. 90.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema simbólico (doutrinário) pentecostal foi aqui esboçado em linhas gerais: Eclesiologia fundamentada no pentecostes; escatologia pré-milenarista; visão mítica da criação; antropologia fundamentalmente dualista e individualização pentecostal. Perceberam-se aspectos positivos (como a ênfase na vitalidade da Igreja pelo poder do Espírito Santo), contradições e até possíveis obstáculos para uma vida cristã mais fecunda, sobretudo, de inserção social.

A atual efervescência do estudo teológico no meio pentecostal brasileiro, associado às novas condições sociais pode promover algumas mudanças significativas no pentecostalismo, especialmente no que se refere à escatologia, antropologia e eclesiologia. A menos que a Teologia seja seriamente considerada pelo pentecostalismo como meio de aprofundamento bíblico, e auto-análise crítica, o pentecostalismo permanecerá com seu sistema simbólico de oposição à cultura, política e sociedade. E, assim, poderá perder o bonde da história, e seguir mais cem anos “dando a Deus o que é de César”.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira.** São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- ALTMANN, Walter (Org.) **Nossa fé e suas razões.** São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- ARAUJO, Isael. **Dicionário do movimento pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BETTENCOURT, Estevão. **Ciência e fé na história dos primórdios**. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1955.

BOMILCAR, Nelson (Org.) **O melhor da espiritualidade brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

BORNKAMM, Gunther. **Bíblia, Novo Testamento**: introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2003.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. 20. ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.

CAMPOS, Bernardo. **Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja**. São Leopoldo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002.

CESAR, Waldo; SCHAULL Richard. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs**. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1999.

CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo**: o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção religião e cultura).

ERICKSON, Millard. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia**: período grego e vida de Jesus. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2005.

GILBERTO, Antonio (Ed.). **Teologia sistemática pentecostal**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

GONZÁLEZ, Justo L.; PÉREZ, Zaida M. **Introdução à teologia cristã**. São Paulo: Hagnos, 2008.

HEFNER, Philip J. A criação. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

KLEIN, Carlos Jeremias. Dualismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 189.

MARIZ, Cecília Loreto. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. **Na força do espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1996.

McGEE, Gary B. Panorama histórico. In: HORTON, Stanley M., **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evangélicos e pentecostais: um campo em ebulição. In: TEIXEIRA, Fautino; MENEZES, Renata (Orgs.) **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002.

MUNYON, Timothy. A criação do universo e da humanidade. In: HORTON, Stanley M. **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal**. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso), p. 15.

PEMBER, G. H. **As eras mais primitivas da terra**. São Paulo: CCC Edições, 2002.

POMMERENING, Claiton Ivan. **A relação entre a oralidade e a escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades**. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado) \_ Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Su-

perior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

RUBIO, Alfonso García. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. São Paulo: Paulinas, 1989.

SILVA, Severino Pedro da. **O homem: a natureza humana explicada pela Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.

VEIGA, Carlinhos. O Evangelho do próximo. Entrevista com René Padilla. Disponível em: <<http://www.cristianismohoje.com.br/artigo.php?artigoid=33588>>. Acesso em: 15 set. 2008.

WILLMINGTON, Harold L. **Auxiliar bíblico Portavoz**. Grand Rapids, Michigan: Portavoz, 1984.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Como é o mundo em que vivemos? In: OLIVA, Alfredo dos Santos et al. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2006. (Curso Vida Nova de Teologia Básica; v. 7).

ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia \_ a doutrina das últimas coisas. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). **Teologia sistemática pentecostal**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.